

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

KÉLIA MARIA BUENO DA MOTA MIGUEL

ANÁPOLIS-GO
2010

KÉLIA MARIA BUENO DA MOTA MIGUEL

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA
(ESTUDO DE CASO)**

Estudo de Caso apresentado
à Coordenação da Faculdade
Católica de Anápolis para
obtenção do título de Especialista
em Psicopedagogia Clínica e
Institucional.

Anápolis-GO

2010

KÉLIA MARIA BUENO DA MOTA MIGUEL

**RELATÓRIO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA**

TCC apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Psiopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade católica de Anápolis como requisito para no curso.

Anápolis-GO, 02 de outubro de 2.010.

APROVADA EM: _____ / _____ / _____ NOTA _____
BANCA EXAMINADORA

Prof^a. MS. Sueli de Paula
Orientadora

MS. Maria Inácia Lopes
Convidada

MS. Antônio Fernandes dos Anjos
Convidado

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por ter me concedido a vida e saúde para poder realizar mais um sonho de estar aprimorando e ampliando meus conhecimentos a fim de estar auxiliando minha prática profissional.

Aos meus familiares, especialmente ao meu esposo e meus filhos pela compreensão, paciência e companheirismo.

Aos meus professores e colegas que compartilharam comigo suas experiências e vivências essenciais à minha formação.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre influenciaram e incentivaram os meus estudos; ao meu esposo Luiz Antônio Miguel e aos nossos filhos queridos Lucas Henrique da Mota Miguel e Gabriela Maria da Mota Miguel; aos professores e colegas.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	01
PSICOPEDAGOGIA.....	01
2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO.....	02
2.1. Anamnese.....	02
2.2. Primeira Entrevista com o cliente.....	03
2.3. Observação dos materiais escolares.....	03
2.4. Provas Operatórias.....	04
2.5. Atividades Lúdicas.....	04
2.6. Jogos de Regra.....	05
2.7. Provas Projetivas Psicopedagógicas.....	05
2.8. A hora do jogo	06
2.9. Provas pedagógicas.....	07
2.10. Entrevista como professor.....	07
3. ANÁLISES DOS INSTRUMENTOS.....	08
4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA.....	15
5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS.....	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	18
ANEXOS	

1 – APRESENTAÇÃO

O presente Estudo de Caso tem como origem o Estágio Supervisionado, realizado do mês de junho a agosto, somando dez (10) sessões cujo objetivo foi realizar um Diagnóstico Psicopedagógico de uma criança encaminhada para atendimento que se chama (K.F.S.) tem dez (10) anos, pertence à classe baixa e frequenta uma escola pública, com a queixa de dificuldade na leitura, escrita e cálculos matemáticos.

O trabalho pretendeu promover reflexões reais sobre a construção do conhecimento de (K.F. S) frente à relação que estabelece entre os sujeitos envolvidos no seu sistema educacional, o objeto de estudo e família, buscando compreender o motivo da sua dificuldade de aprendizagem.

A estrutura do trabalho se divide em abordar um possível conceito, o objeto de estudo, embasamentos teóricos e importância da Psicopedagoga, conceito explicativo de Diagnóstico e seus instrumentos, análises, hipóteses de diagnósticos, sugestões e encaminhamentos.

PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia se originou da Europa, no século XIX, decorrente da preocupação com problemas de aprendizagem, onde somente professores e médicos se interessavam. No Brasil a Psicopedagogia surgiu no final da década de 70, influenciada pela prática realizada na Argentina.

O termo Psicopedagogia apresenta certa dificuldade em sua definição, pois sugere tratar da aplicação da psicologia à pedagogia. Para Kiguel (1991, p.12):

O objeto central de estudo da psicopedagogia está se estruturado em torno do processo de aprendizagem humana: seus padrões evolutivos normais e patológicos – bem como a influência do meio (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

A Psicopedagogia teve seu início através de reeducação, depois passou a ser m trabalho mais direcionado aos problemas específicos de aprendizagem. Segundo Visca (1995), a psicopedagogia que inicialmente foi uma ação subsidiária da medicina e da psicologia, se tornou um conhecimento independente e

complementar, possuindo um objeto de estudo – a aprendizagem humana - e recursos como diagnósticos, corretores e preventivos próprios.

A Psicopedagogia recorre a outras áreas para fornecer meios de refletir cientificamente sobre seu universo como a filosofia, neurologia, sociologia, linguística e a psicanálise. Assim enfatizando seu caráter interdisciplinar.

O especialista em Psicopedagogia pode atuar tanto em nível clínico quanto institucional. No campo clínico promove investigação e faz intervenções para sanar dificuldades de aprendizagem, já no campo institucional age de maneira preventiva, analisando as práticas escolares trazendo uma nova ressignificação na aprendizagem.

2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

O diagnóstico é um processo que permite ao psicopedagogo investigar, levantar hipóteses, observar, escutar, confirmar ou não as causas da não aprendizagem. Durante a investigação o psicopedagogo procura o sentido da problemática do atendente através dos sintomas apresentados para produzir o equilíbrio no processo ensino-aprendizagem, que se promove no consultório, em local apropriado com entrevistas com o aprendente, a família e o professor.

Conforme Bossa (1996), o diagnóstico psicopedagógico é contínuo sempre revisável, onde a intervenção inicia em uma ação investigadora, até a intervenção feita pelo psicopedagogo, para poder auxiliar o aprendente a superar seu problema. Sendo necessário prosseguir durante todo trabalho com uma observação dessa atitude, com o objetivo de acompanhar a evolução do sujeito.

O processo de diagnóstico requer a realização de entrevistas com o cliente, com espaço físico adequado, entrevistas com membros da família e da escola, a utilização de outros instrumentos que permitam ao profissional a compreensão do problema.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS

2.1. Anamnese

A Anamnese é um das peças fundamentais do diagnóstico psicopedagógico. Através dela que nos serão reveladas informações importantes do

passado e do presente do aprendente juntamente com variáveis existentes no seu convívio social.

Para Weiss (2003, p. 63 e 106) “é na anamnese que descobrimos com os pais, toda dinâmica familiar em relação a “aprendizagem de vida”. Fazendo um mergulho nas lembranças sobre a história da criança, seus preconceitos, afetos, conhecimentos, tudo que foi depositado sobre o sujeito”.

Weiss nos informa ainda que seja importante iniciar a entrevista falando sobre a gravidez, pré-natal, concepção, a evolução geral da criança, história clínica e história escolar, pois todas essas informações são essenciais e devem ser registradas para um bom diagnóstico.

2.2. Primeira Entrevista com o Cliente

O primeiro contato entre o psicopedagogo e o cliente será na primeira entrevista, esse encontro deve ser marcado por troca de informações, sentimentos e é nele que deve ser estabelecido um clima de confiança entre ambos. A entrevista deve ser conduzida como uma situação aberta onde no seu curso serão definidos, em conversas informais: relacionamentos, família, escola, interesses, medos e curiosidades.

Nesta entrevista é onde são esclarecidos vários pontos sobre o que será feito, finalidade, objetivo, o papel do psicopedagogo, do cliente e o da família.

Segundo Weiss (1992) o primeiro encontro do terapeuta com o paciente é carregado de ansiedade de ambas as partes e tem como objetivos compreensão da queixa nas dimensões familiar e escolar, a captação das relações e expectativas familiares centradas na aprendizagem escolar.

2.3. Observação dos Materiais Escolares

O objetivo da observação dos materiais escolares é conhecer como estão às produções feitas em sala, o tipo de trabalho realizado, os erros mais frequentes, suas facilidades, para que possamos levantar hipóteses de suas possíveis dificuldades e estratégias que utiliza.

Através dessa observação podemos detectar o trabalho real que se realiza na escola em sala de aula, quais são as atividades mais frequentes. Além

disso, pode-se observar a intervenção do professor nas atividades, como avalia, faz correções e qual o tipo de dinâmica de sala de aula, da relação professor-aluno-conteúdo.

E a partir dessa observação é oferecida ao sujeito um espaço para refletir sobre os próprios trabalhos e dá oportunidade para que receba orientações estabelecem do o que vai bem e o que precisa melhorar.

2.4. Provas Operatórias

É um conjunto de provas clássicas de experimentação em Psicologia Genética em que Piaget e seus colaboradores iniciaram para dar conta do nascimento da inteligência e do desenvolvimento das operações intelectuais.

Através das provas de Diagnóstico Operatório, podemos determinar o grau de aquisição de algumas das noções chaves do desenvolvimento cognitivo.

A técnica utilizada nas provas, trata-se de interrogar a criança frente a fenômenos observáveis e ou manipuláveis a partir dos quais se leva a criança a raciocinar. O método de interrogação sugere um diálogo com perguntas claras e precisas.

A avaliação determina três níveis de graus de construção do saber.

- Primeiro Nível – clara ausência da noção;
- Segundo Nível – etapa intermediária de aquisição;
- Terceiro Nível – êxito nas respostas.

2.5. Atividades Lúdicas

As atividades lúdicas são de extrema importância para o desenvolvimento psicológico, social e cognitivo da criança, pois é através delas que a criança expressa seus sentimentos em relação ao seu mundo.

É através das brincadeiras que a criança consegue adquirir conhecimento, superar limitações e desenvolver-se como indivíduo.

O lúdico favorece o pleno desenvolvimento das potencialidades criativas, fazendo uma reprodução da realidade, apoderando-se da cultura para internalizá-la.

Bossa (1996) diz que através da atividade lúdica a criança expressa seus conflitos, o que nos permite reconstruir seu passado.

2.6. Jogos de Regra

Segundo o Aurélio (1997): “jogo é uma atividade física ou mental organizada que por um sistema de regras definem quem perde ou ganha”. Logo podemos dizer que no jogo está muito ligado ao próprio funcionamento da inteligência, uma vez que sua construção depende de uma série de assimilações e acomodações.

Quando a criança ou adolescente joga com regras exercita todas suas funções intelectuais mesmo que esta seja de natureza fantasiosa.

Para Bossa (1996) alguns jogos como Dama, Xadrez e Baralho significam o ingresso no mundo adulto. Vencer nesses jogos simboliza competir e vencer o adulto e depende do bom conhecimento e manejo das regras além das próprias habilidades.

Sendo assim o jogo de regras é necessário para que as convenções sociais e os valores morais de uma cultura sejam transmitidos, as estratégias, perdas e ganhos, tudo isso é necessário para o desenvolvimento das estruturas cognitivas de cada pessoa.

2.7. Provas Projetivas Psicopedagógicas

Em Psicopedagogia utilizamos as provas projetivas como uma das ferramentas que podem possibilitar o atendimento de como o sujeito aproxima-se ou não do objeto de conhecimento. E através dessas ferramentas poderemos avaliar os desenhos e relatos, coerentes ou não de como se lida com a construção do seu conhecimento.

O exame das provas projetivas permitirá em geral avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular e elaborar a emoção; também permitirá avaliar a deterioração que se produz no próprio pensamento quando a quantum emotivo resulta excessivo. O pensamento incoerente não é ali mesmo onde se diz mal ou não se diz nada, e isto oferece a oportunidade de determinar a norma no incongruente e saber como o sujeito ignora. (PAÍN, 1985, p.62)

Fernandes(1991), diz que no diagnóstico não se leva em consideração particularmente os conteúdos expressos pelo paciente. “interessa-nos observar a

modalidade com que a inteligência trata o objeto, reconhece-o discrimina-o em sua própria legalidade conecta à sua experiência e o utiliza adequadamente”.

Serão realizadas três (03) provas projetivas segundo Visca (1995):

- Par Educativo – tem como objetivo investigar o vínculo de aprendizagem abordando três unidades de análises “objeto,” “insinuante” e “aprendiz” e de seus relações.

- Família Educativa – tem como objetivo estudar os vínculos de aprendizagem como o do grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo. Sabendo que a família constitui o entorno onde se constrói as aprendizagens mais fundamentais, a mesma oferece modelos de identificação mais primitivas sobre a base onde se elaboram os vínculos de aprendizagem.

- Eu e meus companheiros – visa estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe, onde cada membro do grupo possui um modelo de aprendizagem, que no interjogo de relações com o outro enriquece ao mesmo tempo os modelos dos outros.

2.8. Hora do Jogo

Através do jogo podemos construir o nosso conhecimento, num processo de confiança e criatividade, construindo criação, ou seja, transformando o objeto. A hora do jogo permite observar a dinâmica da aprendizagem, utilizando um enquadre e uma metodologia de observação.

Colocamos dentro de uma caixa com tampa separável, elementos diferentes para servir de ação que despertem sua imaginação, com materiais não figurativos que possibilitem criar, desenhar, modelar, juntar, refletir, imaginar e recriar.

Apresentamos a caixa fechada com sua tampa, sobre mesa ou no chão com bastante espaço para brincar e fazemos a consigna. É a partir desse momento que poderemos observar o processo de construção do saber e analisar a modalidade de aprendizagem.

Segundo Paín (1985) devemos observar momentos análogos, entre o jogar e o aprender, primeiramente o “inventário”, olharemos a densidade temática, após faremos uma “organização”, ou seja, a postulação de um jogo, argumentações simbólicas, comparações para se desenvolver um argumento com os materiais da

caixa. E por último a “apropriação” que é a possibilidade de se chegar uma conclusão argumental, uma capacidade de mostrar e guardar. Em síntese tem relação com a possibilidade de aprender.

Se a criança estruturou um problema de aprendizagem-sintoma ou inibição cognitiva apresentará dificuldade nos primeiros dois momentos e não poderá chegar ao terceiro momento. Agora a criança que fracassa no aprender de ordem reativas ao sistema educacional não tem porque apresentar dificuldade nos três momentos da “hora do jogo”.

2.9. Provas Pedagógicas

São avaliações investigadoras para se colher dados e levantar hipóteses sobre seu processo de aprendizagem em sala de aula, seus obstáculos, conquistas e dúvidas a respeito de conteúdos e disciplinas sistematizadas no seu contato escolar.

Segundo Weiss (1992) seria necessário que se pesquise o que o paciente já aprendeu, como articula os diferentes conteúdos entre si, como faz uso do processo de assimilação de novos conhecimentos.

A autora explica também sobre importância da avaliação pedagógica dentro da visão em que a questão social perpassa todas as demais facetas dos problemas de aprendizagem. Pois através delas percebemos que os conhecimentos escolares estão desarticulados para vida real.

2.10. Entrevista com o professor

A entrevista feita com o professor é um instrumento psicopedagógico que irá fornecer informações que serão confrontadas ao longo das sessões. Como o aluno age em sala, como executa as tarefas, qual o grau de dificuldade, o que mais gosta de fazer, como reage frente ao objeto de estudo e suas relações afetivas dentro de sala.

O professor é aquele que está diariamente envolvido com as potencialidades e dificuldades dos seus alunos e é a partir dele que conhecemos a queixa e juntamente com seus dados podemos trabalhar para desenvolver o diagnóstico e buscar soluções compatíveis.

Rogers (1972, p.182-183) fala que “atmosfera emocional da aula (e da escola) deve ser positiva de forma ajudar o educando a integrar novas experiências e novas idéias”.

O professor deve mostrar empático com opiniões positivas a respeito de si próprio e dos outros, capaz de criar um bom clima para ir ao encontro dos seus alunos, estar abertos a novas idéias e novos desafios, centrando em oferecer oportunidades para boas situações de aprendizagens respeitando as diferenças individuais.

3. ANÁLISES DOS INSTRUMENTOS

3.1. Anamnese

A partir das informações recolhidas na anamnese fornecidas pela mãe de (K.F. S), podemos refletir que a mesma não possui nenhum problema físico, motor ou intelectual que a impede de aprender conteúdos sistemáticos e sociais.

A mãe sugere que a dificuldade de (K.F. S) em ler, escrever e calcular, seja um bloqueio ou um trauma sofrido durante sua alfabetização, pois relatou que (K.F. S) sempre foi uma criança que se desenvolveu bem em todos os aspectos e que imagina que houve um choque na maneira de ser tratada em sala de aula pela professora e em casa com seus familiares. Segundo a mãe em casa são muito calmos e seguem e praticam valores e condutas condizentes com a religião, pregando a paz e a harmonia. E durante a alfabetização tinha “pavor” e “medo” da professora, pois esta na fala da mãe gritava muito.

Bossa (1996) afirma que a possibilidade de aprendizagem escolar está diretamente relacionada à estrutura de personalidade do sujeito. O fato de (K.F. S) ter uma religião mais rígida, tendo um menor contato com informações, mídias e tecnologias, Bossa alerta que o bom contato com a realidade externa é indispensável para aprendizagem escolar. Sugerindo que talvez quando (K.F. S) se deparou com o mundo externo, no primeiro ano na escola, se sentiu deslocada e fora de sua “redoma de vidro”, sem proteção dos pais, daquele mundo diferente do seu, outras opiniões, pessoas diferentes em convivência diária dentro de uma sala com tantas diversidades. A esse respeito Bossa (1996, p.24) diz: “Pode-se dizer que o nível de maturação de um indivíduo para a aprendizagem depende do interjogo

entre fatores intelectuais e afetivos, o equipamento biológico que traz ao nascer e as condições de comunicabilidades como o meio significativo”.

Quanto à má alfabetização de (K.F. S) durante todos esses anos de repetência, Bossa (1996) nos fala que depois das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky a concepção de alfabetização mudou em relação de como a criança aprende. E como diz Weiss (1986), a alfabetização é uma construção resultante da interação da criança com a língua escrita “é um processo dialético” através do qual ela se apropria da escrita e de si mesmo como usuário-produtor da escrita.

O desrespeito ao ritmo da criança e a exigência da professora para que inicie a alfabetização formalizando a escrita dentro de prazos estipulados podem gerar tanta ansiedade que as dificuldades formadas bloquearão o processo.

Podemos analisar que no caso da (K.F. S), a ocorrência de um trauma ou impacto inicial com o novo e que depois de “talvez” superar esse obstáculo veio à cobrança dos professores em aprender a ler e escrever, desencadeando as repetências. Quanto a esse problema Bossa (1996, p.171) faz um alerta: “É necessário que os pais fiquem atentos para que seus filhos não sejam penalizados pelas grandes falhas metodológicas da escola”.

3.2. Primeira Entrevista com o Cliente

Na primeira entrevista com (K.F.S) constatei e confrontei vários fatos da fala da mãe na anamnese. (K.F.S) realmente é uma criança notável, esperta, inteligente, mesmo um pouco tímida conseguiu ficar bem à vontade para responder a entrevista sobre seus dados pessoais, familiares e sobre seus sentimentos e medos.

Ficou evidente na fala de (K.F S) certo receio e medo de gritos e de tirar notas baixas. Segundo Bleger (1980, p.91) a aprendizagem verdadeira exige um nível de ansiedade ótima, e “não é somente o novo que produz o medo, mais sim o desconhecido que existe dentro do conhecido”.

Para Weiss (2003) as situações de avaliação da aprendizagem quando são mal conduzidas são geradoras de um excesso de ansiedade que se torna insuportável para o aluno, chegando à desorganização de sua conduta, que acarreta o fracasso na produção escolar.

(K.F. S) revelou na entrevista sobre o que considera mais difícil fazer na escola são as provas, justificando “eu não sei ler”. Nesta fala podemos analisar que essa dificuldade na aprendizagem vem se prolongando desde a alfabetização, revelando que talvez tenha sido aí sua origem na forma de instrução utilizada pela professora que acarretou certa ansiedade provocando medo de errar e magoar a professora e aos pais.

3.3. Observação dos Materiais Escolares

Os materiais escolares de (K.F. S) estão em bom estado de conservação, está completo de acordo com o horário de aulas.

Através da observação dos cadernos pude constatar sua dificuldade em realizar as atividades propostas, a letra é legível, mas com muitos erros ortográficos, trocas, omissões de letras. Notei que as produções de texto são coletivas feitas juntamente com a professora que escreve no quadro e eles copiam, mesmo assim tem vários erros de ortografia.

Em Matemática a professora utiliza vários exercícios extras que cola no cadernos, em Português notei muitas cópias, ditados interpretações e ilustrações de textos e as. A professora vista tarefas diárias e as correções é feitas no quadro.

É possível perceber que a professora é exigente na organização dos cadernos, vista todas as tarefas, fazendo novamente a correção no caderno.

3.4. Provas Operatórias

As provas operatórias analisadas foram, segundo a classificação de McDonell:

- Prova de intersecção de classes – (K.F. S) se encontra no nível dois, intuitivo articulado. Observam-se êxitos nas perguntas suplementares (a criança se dá conta de que dentro de um círculo estão todas as fichas redondas e dentro do outro círculo estão todas as fichas azuis). Frente às perguntas de inclusão e intersecção a criança tem dúvidas.

- Prova de quantificação da inclusão de classes – (K.F. S) se encontra no nível dois condutas intermediárias – se observam poucas condutas intermediárias, nota-se dúvidas por parte da criança em suas respostas.

- Prova de conservação de peso – nas primeiras perguntas (K.F. S) apresenta condutas intermediárias do pensamento operatório concreto, mas após a comprovação do peso feito nas balança feita de sucata, (K.F. S) apresenta o nível três – conservação – condutas próprias de um nível operatório concreto do segundo momento (a partir de 8/9 anos). Em cada uma das transformações, a igualdade de peso é considerada, a criança é capaz de dar um ou vários dos seguintes argumentos de identidade – “é o mesmo peso, porque não se tirou e nem colocou nada”.

- Prova de conservação de volume – as respostas estão em nível três – conservação do volume. Para cada uma das transformações, o volume (nível d’água e lugar que ocupa a massa da mesma) é julgado igual. A criança é capaz de dar um ou vários argumentos de identidade – “subirá o mesmo porque não se colocou e nem se tirou nada”.

3.5. Atividades Lúdicas e Jogos de Regra

Os jogos de regras e atividades lúdicas envolvem operações entre as pessoas, contato social, situação-problema, criatividade e imaginação, além de criar contextos, processos de pensar e construir conhecimentos de acordo com os limites da criança, segundo Macedo (1997).

O objetivo da atividades lúdicas foi apresentar desafios e conhecer como (K.F.S) constrói e produz. As atividades oferecidas foram de pintura, colagem, recorte e dobradura, onde desenvolveu com grande prazer e satisfação, demonstrou ter bastante criatividade, motricidade, limites, combinações de cores e ótima habilidade manual.

Os jogos de regras já apresentaram obstáculos maiores principalmente na leitura, cálculos mentais, contagem, sequência numérica, ordem crescente e decrescente, soma, subtração além da concentração. Os jogos oferecidos para serem analisados juntamente com o desempenho de (K.F. S) foram jogos de trilha, vareta, dominó e dinâmica com material dourado.

(K.F.S) é uma criança muito sozinha só brinca na escola, no recreio e percebi que no lúdico temos oportunidades de conversar sobre algumas dificuldades de modo estabelecer caminhos para superá-los. Os jogos de regras e atividades lúdicas abririam mais possibilidades de experimentar papéis, representar, recriar,

dramatizar, solucionar problemas matemáticos e de leitura/escrita que iriam dar mais confiança e desenvolver mais suas capacidades intelectuais.

3.6. “A hora do jogo”

Na sessão da “hora do jogo”, (K.F.S) demonstrou certa curiosidade em visualizar a caixa. Quando dei a consigna, abriu a caixa e começou a observar os objetos e retirá-los da caixa, tendo iniciativa, explorando e experimentando os objetos estabelecendo o primeiro momento o “inventário”.

Num segundo momento “organização”, utilizou vários elementos da caixa para montar o que estava imaginado, começou confeccionado objetos para representar seus personagens e sua história.

Após montar seus personagens, seguiu para o terceiro momento “apropriação”, onde não demonstrou sua capacidades de domínio do seu jogo, ficou nomeando os objetos, imitando personagens e histórias já criadas em contos de fadas, não recriou dando um final para sua história.

Neste momento (K.F. S) demonstrou certa pobreza de contato com a subjetividade, superestimulação da imitação, falta de iniciativa, obediência acrítica às normas, submissão: hiperacomodação. Também apresentou déficit lúdico e criativo: hipoassimilação.

Diante da observação podemos refletir que (K.F. S) não conseguiu passar para o terceiro momento “apropriação” refletindo um problema de aprendizagem da ordem do sintoma estruturando uma modalidade hipercomodativa – hipoassimilativa.

Fernández (1991, p.110) afirma “lamentavelmente, a modalidade de aprendizagem hipoassimilativa – hiperacomodativa é a vedete de nosso sistema educativo. Muitos “bons alunos” encontram-se nesta situação”.

A autora continua nos afirmando que um sintoma-problema de aprendizagem vem instalar-se sobre uma modalidade já existente, que o sujeito construiu desde o nascimento, em que intervêm significações ainda anteriores a ele mesmo.

Assim sendo, o sintoma emerge da modalidade prévia, mas vai modificando-a, principalmente esteoritipando-a e enrijecendo-a.

3.7. Provas projetivas Psicopedagógicas

Estaremos analisando três provas projetivas, segundo Visca (1995):

- Par Educativo – no teste projetivo feito por (K.F. S) notamos a presença dos objetos de aprendizagem que nos permite verificar uma valorização do conhecimento e conteúdos sistemáticos. Relaciona-se com cenas de aprendizagens escolar e produtivas, pois apontam para uma relação que o sujeito faz das cenas de aprendizagens significativas e que ficaram marcadas em seu mundo interior.

A distância perto um do outro e a posição frente a frente dos personagens evidencia uma relação de aproximação positiva, com possibilidades de integração de experiências, trocas de informações e afetividade. Uma relação produtiva e facilitadora de aprendizagem.

Existe uma correspondência entre a apresentação gráfica e a verbal, denotando uma integração entre as formas usadas para representar o conhecimento, flexibilidade e coerência de pensamento.

O tamanho total do desenho do Par Educativo é normal, bem dimensionado, que indica uma relação equilibrada onde o “negativo” e o “positivo” estão integrados adequadamente. Apontando para um vínculo positivo (+).

- Família Educativa – (K.F.S) desenhou sua família completa, cada um fazendo o que sabe no mesmo desenho, fez todos reunidos num diálogo, mostrando como são passados esses conhecimentos.

As atividades que cada personagem sabe fazer em casa possui um caráter intimista. O número de detalhes dos objetos constituem indicadores de conhecimento e flexibilidade. Apontando para um vínculo positivo (+).

- Eu e meus companheiros – (K.F.S) se desenhou juntamente com dois colegas de classe com quem mais se identifica. O tamanho total do desenho, o tamanho dos personagens e posição dos mesmos sugere vínculo positivo, como vivencia com cada um dos companheiros. O desenho de tamanho normal, com (K.F. S) e seus companheiros em primeiro plano, representa que se relaciona com a imagem que o mesmo crê que os colega possuam dela, em uma integração adequada. Apontando para um vínculo positivo (+).

3.8. Provas Pedagógicas

Foram aplicadas provas pedagógicas direcionadas à Leitura oral e silenciosa, Interpretação, Estudo do vocabulário, Gramática, Produção de texto, Cópia, Ditado e Matemática.

A leitura utilizada foi um conto de Monteiro Lobato adequado à idade escolar da aprendente, onde trabalhamos conteúdos de Língua Portuguesa, demonstrou ser alfabética, com leitura silábica, com troca e omissões de letras que dificultam a compreensão e interpretação global, necessitando de auxílio e correções no que lê. Na produção escrita comete vários erros ortográficos apesar de possuir boa caligrafia.

Em relação à Matemática não apresenta bom raciocínio lógico e não realiza cálculos mentais, necessita de algo concreto para realizar operações simples; nas situações-problemas onde utilizamos um jogo com desafio lúdico não conseguiu realizar e nem armar cálculos com reserva envolvendo adição e subtração.

(K.F.S) tem boa concentração, esforça-se para realizar atividades propostas, tem noção de quantidade e ordenação.

Weiss (2003) nos esclarece que as análises dessas atividades são essenciais para que o psicopedagogo possa definir o nível pedagógico para verificar a adequação da série que o aprendente está cursando e quais os seus déficits para focar o seu trabalho psicopedagógico.

3.9. Entrevista com o professor

A sala de aula deve ser um espaço de encontro privilegiado em que os professores oportunizam à todos a mesma possibilidade do aprender com prazer, do desejo do conhecer, proporcionando trocas de experiências entre os alunos.

Na entrevista com a professora constatamos e confrontamos dados muito positivos de (K.F. S), ótima aluna, dedicada, esforçada, realiza todas as atividades de sala e de casa, mesmo tendo muitas dificuldades em acompanhar o ritmo da turma, foi estabelecido um vínculo importante; a cooperação entre os colegas a afetividade. Promovendo grande avanço no seu processo de aprendizagem.

4. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

No aspecto cognitivo, constatou-se o predomínio de Problema de Aprendizagem-Sintoma, no qual se manifesta internamente com um desequilíbrio entre os níveis da construção pessoal, que se estrutura sobre uma modalidade de aprendizagem hiperacomodativa-hipoassimilativa. Como nos explica Fernández (1991, p. 116):

O sintoma instala-se sobre uma modalidade e essa modalidade tem uma construção pessoal a partir dos quatro níveis (organismo, corpo, inteligência e desejo) da história pessoal e da significação dada à mesma. A modalidade opera como uma matriz que está em permanente reconstrução e sobre qual vão se incluindo as novas aprendizagens que vão transformando-a, mas de qualquer maneira a matriz permanece como estrutural. O sintoma cristaliza a modalidade de aprendizagem em um determinado momento, e a partir daí esta perde a possibilidade de ir transformando-se e de ser utilizada para transformar.

No aspecto orgânico apresenta boa coordenação, lateralidade, boa noção espacial e motora, não apresenta dificuldade em percepção visual e auditiva.

No aspecto sócio-emocional demonstra um bom nível de amadurecimento, bons sentimentos, boa auto-estima e valorização mesmo tendo muitas dificuldades objetiva superação e tem apoio incondicional da família e professores. Apresenta bom relacionamento com os colegas. Apesar da timidez, conta com o apoio dos mesmos para solucionar tarefas consideradas difíceis, o sistema de monitoria é praticado em sala de aula.

Apesar de estar atrasada na escolaridade e não tendo o mesmo nível de compreensão dos conteúdos propostos, reconhece sua dificuldade e pretende acompanhar a turma no mesmo ritmo, sempre procurando avançar.

Weiss (1992, p. 92) diz que “o desrespeito aos ritmo de construção da criança no ler e escrever pode criar uma dificuldade que se avoluma como bola de neve, podendo chegar a estancar o seu processo de verdadeira alfabetização”. Assim é criada uma grande ansiedade que passa a bloquear a aprendizagem em função do despreparo da escola em lidar com o desencontro entre o ritmo de algumas crianças e o ritmo geral da turma.

5. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTO

Através da análise dos resultados obtidos nas avaliações psicopedagógicas foi possível concluir que a escola deve trabalhar junto com o aluno respeitando suas dificuldades e lançando mão de mecanismos que possam desenvolvê-lo no seu próprio ritmo. Priorizando atividades coletivas que realizem junto com educadores num trabalho direcionado utilizando o concreto, jogos, desafios, gincanas, lúdico na tentativa de acompanhar mais de perto e sanar dificuldades apresentadas.

É de suma importância que a professora conheça todos os aspectos cognitivos, emocionais, psicomotores e sócio-culturais de seus alunos para que se respalde em metodologias mais criativas e estimulantes que virão intervir na sua prática pedagógica, contribuindo para um maior crescimento e desenvolvimento dos alunos com dificuldades.

Segundo Peterson e Colins (2002, p.14-5): “ uma criança é estimulada e encorajada a seguir seus interesses, ela se envolve no verdadeiro processo do conhecimento. Em suas tentativas de encontrar sentido no que vê e de resolver os problemas com os quais se depara, ela se motiva a busca de soluções”.

A família deve estabelecer orientações, através de supervisão das tarefas de casa, oportunizar o acesso de diferentes materiais escritos, favorecer a aproximação da leitura e escrita mostrando a importância deles no nosso contexto social.

Para a aprendente, favorecer a aproximação da aprendizagem formal por meio da ressignificação de suas representações e promover momentos de construção dos processos de leitura e escrita para que se torne leitora-escritora mais fluente sabendo seus significados e interpretações através de um trabalho direcionado e mais individual priorizando um horário diário e local adequado para concentrar-se recuperando sua aprendizagem, alcançando seus objetivos escolares.

Encaminhamentos: Psicopedagogo e apoio pedagógico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho possibilitou várias oportunidades de reflexões sobre o universo escolar. Agora, sobre outro olhar através das leituras, estudos e sessões de atendimento sob orientações pude entender os processos que envolvem o ensino-aprendizagem de maneira e com postura profissional.

Neste estágio pude perceber a importância de se ter um psicopedagogo dentro da escola como suporte para orientação de diagnósticos de alunos que sofrem por não aprender.

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento que dá suporte para se adquirir habilidades e competências para fazer um trabalho relacionado a como se aprende e oferece soluções para sintomas relacionados ao aprendizado. Ela é uma área de estudo que trabalha com a aprendizagem humana e pega emprestado de outras disciplinas base teórica para compreender e trabalhar com nosso aprendiz.

O trabalho do psicopedagogo é muito amplo e importante é necessário muito estudo e mudanças de atitudes, sempre estar em contato com outros profissionais para conversar, trocar idéias e pedir opiniões.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURÉLIO. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BLEGER, in PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

BOSSA, Nádya Aparecida. **Avaliação Psicopedagógica da criança de sete a onze anos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

FERNÁNDEZ. Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed. 1991.

KIGUEL, in PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MACDONELL, Juan José Conte. **Manual de Provas Operatórias**.

MACEDO, Lino de. **Quatro cores, senha e dominó: Oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e Psicopedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PETERSON, Felton – COLINS. V. **Manual Piagetiano para professores e pais**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROGERS, in texto: **Perspectivas atuais da educação. Abordagem Humanística**, 1972.

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas Psicopedagógicas**. Buenos Aires: Serviços Gráficos, 1995.

WEISS, Maria L.L. **Psicopedagogia Clínica: Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia Clínica – uma visão diagnóstica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WEISS, M.L.L. **Psicopedagogia Clínica**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.